

A divisão do tempo



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista

Quem dividiu o tempo em parcelas trabalhou com muita inteligência. A cada vencimento de ano, as pessoas renovam esperanças na expectativa de que um novo tempo se inicia. Na verdade, o tempo é contínuo, homens e mulheres caminham irreversivelmente para o fim, coisa difícil de imaginar, perceber e sentir. Melhor não pensar nisso. Ficamos todos mais velhos com o simples andar do relógio. Meia-noite, novo tempo, nova idade e novas expectativas que se baseiam nas realidades anteriores. É melhor ter esperança do que se angustiar com a realidade.

O Brasil de 2026 vai viver dois momentos importantes. O primeiro em junho, a Copa do Mundo de Futebol, que será disputada nos Estados Unidos, México e Canadá. Os brasileiros fizeram um esforço inédito para tentar chegar ao sexto título. Contrataram o campeoníssimo Carlo Ancelotti, italiano, técnico supervisorioso, que, supostamente, trouxe sua vasta experiência para recicar os brasileiros nos últimos conceitos da escola europeia de futebol. Ninguém sabe se vai dar certo. O mister é várias vezes campeão, mas o esporte tem uma larga faixa de imponderável e de ação do Sobrenatural de Almeida, na definição genial de Nelson Rodrigues. Enfim, será necessário ter engenho, arte e sorte, muita sorte para vencer. O resultado da Copa do Mundo vai influenciar

Maurenilson Freire



Subjetividade do racismo



» CELSO PIARELLI,
artista plástico

Ao descobrir o racismo, passei a enxergar um mundo que está, mentalmente, desfigurado e “viralizado”. Hoje, combato e reconheço os racismos individual, institucional e estrutural e agrego, aqui, a natureza viral e econômica do racismo. Chamo de viral por ser o racismo como um vírus que, ao adentrar uma célula, é capaz de viciá-la, reprogramá-la, desfigurá-la e até destruí-la. Da mesma forma atua a pessoa racista que também é capaz de viciar, um balcão de atendimento, uma seção, uma repartição inteira, determinando, assim, como a instituição atenderá seus usuários. Tudo isso, na maioria das vezes, sem a resistência ou o combate dos demais integrantes do setor.

Já o racismo de natureza econômica nos leva à economia, a qual, de fato, formatou seu “DNA”, sem o qual não existiria o racismo violento e predador que hoje estamos a combater. Um racismo escondido nas subjetividades, possuindo e modificando indivíduos, que mudam repartições, instituições e estruturas sociais. Portanto, é daí que devemos partir para compreender essa outra natureza do racismo e como ela, subjetivamente, foi estruturada. Certamente, vamos chegar à economia e vamos compreender que o processo ainda está em andamento, e vem se estruturando

diretamente o humor do brasileiro que irá depositar seu voto em outubro de 2026. Vai escolher o novo presidente da República, além de deputados e senadores. O ex-presidente Jair Bolsonaro, que está preso por ter incentivado um golpe de estado no Brasil para instalar uma ditadura, passou o bastão para seu filho Flávio, “entrego o que tenho demais sagrado, meu filho”, disse em comunicado redigido a mão com tons dramáticos e até religiosos. Bolsonaro não demonstrou ter percebido, durante seu governo, o sofrimento de quem teve covid. Ele ridicularizou os doentes, imitou a falta de ar em mensagem pública, recomendou remédios ineficazes e assistiu sem mover um músculo à morte de mais de 700 mil brasileiros. Não visitou um único hospital.

Seu governo foi um deserto de ideias. Nenhum projeto, nenhuma obra importante. Ele se contentava em criticar seus adversários e falar mal de opositores para os jornalistas confinados no famoso cercadinho na porta do Palácio da Alvorada. Ele não deixou nada, nenhuma ideia, subsídio ou projeto. Seu filho, Flávio, assumiu a postura de candidato apenas por ser ungido pelo pai. Não anunciou nenhum plano de governo, não disse que o pretende fazer se for eleito, nem revelou projeto econômico ou de política externa. Ele imita o pai. Seu repertório é criticar adversários e improvisar porque os bolsonaros não gostam de ler, passam longe das lições da história, não possuem grupo, nem dispõem de assessores qualificados. Seus principais assessores eram os militares golpistas, que estão quase todos presos. São arrivistas no melhor sentido da palavra. Não têm nada a oferecer e tudo a se beneficiar.

O grupo de oposição, naturalmente, ainda vai se organizar. Seus dirigentes sabem que a candidatura de Flávio Bolsonaro é música para os projetos de Luiz Inácio Lula da Silva. Vencer opositor tão pouco

representativo é relativamente fácil. O atual presidente está disposto a concorrer ao quarto mandato presidencial. Diz que está com boa saúde, magro, bem disposto e com mulher nova. Enfim, ele está esfregando as mãos para concorrer de novo e vencer mais uma vez. Não é impossível. Lula trabalhou bem para não deixar florescer nenhuma possível candidatura dentro de seu partido. O PT não tem alternativa. Ou é Lula ou é Lula. Bom trabalho político. Ele embaralhou também a direita.

Tarcísio de Freitas, governador de São Paulo, é o preferido pelos homens do dinheiro e pelas lideranças do agronegócio. Se for candidato, terá como plataforma o estado mínimo, privatização de empresas estatais, recuperação fiscal do país e aumento vertiginoso de exportações. Menos governo e mais participação de empresários no crescimento nacional. É uma plataforma poderosa, com apoio significativo de diversos recantos do território nacional, sobretudo nas áreas produtivas do Sul e do Centro-Oeste. Mas Tarcísio de Freitas não pretende ser candidato à Presidência da República. Prefere disputar o Governo de São Paulo, onde poderá ter uma eleição tranquila, sem ter os bolsonaros por perto. E não pretende bater de frente com Lula. Ele é jovem. Pode esperar quatro anos e pensar na eleição de 2030.

O primeiro dia do ano não revela nada além do que vinho e espumante permitem sonhar. A oposição, também chamada de direita, pode apresentar outros candidatos. O tempo é curto. O enigma tem que se resolver no primeiro semestre. Os brasileiros vão se unir na Copa do Mundo e se dividir em outubro no momento da eleição. Emoções não vão faltar. Mas o país, como sempre acontece, sairá mais forte após os dois pesados testes públicos, que mostrarão o Brasil e os brasileiros em estado puro.

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Venezuela: quando o colapso de um regime ameaça ultrapassar fronteiras

Há momentos na história em que fingir neutralidade deixa de ser prudência e passa a ser irresponsabilidade. A crise venezuelana chegou a esse ponto. O regime de Nicolás Maduro, sustentado pelo autoritarismo, repressão e atividades ilícitas, aproxima-se de um desfecho que, embora esperado, não será simples nem indolor. E o que menos se discute no Brasil é que a queda desse regime não encerrará o problema e pode, ao contrário, empurrá-lo para dentro de nossas fronteiras. A Venezuela não se tornou o que é hoje por acaso. O chamado “socialismo do século 21” não fracassou por erro de cálculo, mas por coerência com sua própria lógica.

Ao longo de anos, o Estado foi desmontado peça por peça: instituições neutralizadas, imprensa calada, Judiciário submetido, economia transformada em instrumento de submissão política. O resultado está à vista: hiperinflação, miséria generalizada, serviços públicos colapsados e um dos maiores êxodos populacionais do nosso tempo. Para se manter de pé, o regime fez escolhas claras. Aliou-se a organizações criminosas, incorporou o narcotráfico à engrenagem do poder e converteu parte das Forças Armadas em atores do submundo. Não é exagero falar em narcoestado. É a constatação de um modelo em que a ilegalidade deixou de ser exceção e passou a ser método de sobrevivência política.

Não se trata de criminalizar o povo venezuelano, que é vítima direta dessa tragédia, mas de reconhecer que estruturas criminosas não migram por razões humanitárias. Elas se deslocam para sobreviver. O país que já convive com facções transnacionais, tráfico de armas, domínio territorial de grupos armados e índices alarmantes de violência, não pode se dar ao luxo da ingenuidade estratégica.

A postura do governo brasileiro, até aqui, beira a negação. Não há debate público consistente sobre reforço de fronteiras, cooperação internacional real, triagem rigorosa de fluxos migratórios ou preparação das forças de segurança para um cenário de pressão externa do crime organizado. O discurso oficial oscila entre o silêncio e um humanitarismo abstrato que ignora riscos concretos. Acolher refugiados e proteger a população não são objetivos incompatíveis.

Países sérios fazem as duas coisas ao mesmo tempo. O que não fazem é fingir que toda crise externa termina na linha imaginária da fronteira. Quando o Estado se recusa a enxergar o problema, ele apenas transfere o custo para a sociedade, especialmente para os mais pobres, sempre os primeiros a sentir os efeitos da violência.

A queda de Maduro, quando ocorrer, marcará o início de um acerto de contas interno na Venezuela: julgamentos, expurgos, disputas e ajustes inevitáveis. Nesse contexto, a fuga de agentes comprometidos com crimes de Estado será tão previsível quanto perigosa. Ignorar esse cenário não é neutralidade, é omissão. O Brasil precisa recuperar a visão de Estado e abandonar a confortável ilusão de que crises alheias não nos dizem respeito.

A Venezuela foi arruinada por decisões políticas conscientes e erradas. Permitir que os destroços desse projeto autoritário contaminem ainda mais a já frágil segurança brasileira seria um erro histórico, cometido não por ação, mas por covardia política diante da realidade.

Em uma recente entrevista transmitida na virada do ano, Maduro declarou estar disposto a dialogar “seriamente” com os EUA sobre temas como narcotráfico, petróleo e, até, imigração. Algo inédito no tom, embora tenha rejeitado acusações de que a Venezuela seja um narcoestado e culpado o governo colombiano pela maioria das remessas de drogas na região.

Essa postura de nuance ocorre em meio a relatos de aumentos nos preços e dificuldades econômicas da população, que vive “dia a dia” com a intensificação das sanções e a deterioração dos serviços públicos, um quadro que alimenta tanto a insatisfação popular quanto a narrativa de proximidade de uma ruptura política mais profunda.

Fontes jornalísticas e de inteligência indicam que o governo Trump está elaborando planos para diferentes cenários de transição política na Venezuela, inclusive, opções que vão além de simples pressão diplomática ou econômica. Embora uma invasão convencional seja oficialmente negada, há um aumento claro na presença militar estadunidense na região e um discurso mais assertivo sobre a necessidade de mudança de regime em Caracas.

Analistas também têm destacado que a oposição venezuelana e grupos de exilados apoiam medidas cada vez mais duras contra o governo Maduro, inclusive pressionando por ações que possam acelerar sua saída do poder numa situação que aprofunda tensões e polariza, ainda mais, a sociedade venezuelana. Governos aliados tradicionais, que antes lhe davam suporte político e logístico, agora veem sua capacidade de manter o status quo seriamente abalado. A pressão internacional é mais intensa, e o desgaste político doméstico é palpável.

O resultado disso ainda não é certo, um processo de transição negociado, uma crise aberta com mudança abrupta de poder ou até mecanismos complexos que deixem o regime enfraquecido, mas ainda funcional, são todos possíveis. Mas a realidade factual é que o cenário de estabilidade do regime venezuelano está se esvaindo rapidamente, e a comunidade internacional está cada vez mais envolvida na definição do que virá a seguir. Sobre tudo o que virá sobre o Brasil.

A frase que foi pronunciada

“Por tudo que nós conversamos, a sua narrativa é infinitamente melhor do que a narrativa que eles têm contado contra você”.

Lula a Maduro.